

número 26 | volume 13 | julho - dezembro 2019

DOI:10.11606/issn.1982-677X.rum.2019.161058

RuM^oRes

Mediações no clube de leitura Leia Mulheres: encontro sobre *Canção de ninar*, de Leïla Slimani

Mediations at the Leia Mulheres reading club: meeting about *The perfect nanny*, by Leïla Slimani

*Gabriela Barbosa Pacheco*¹

1 Mestre em Comunicação Social: Interações Mdiatizadas pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas), com graduação em Comunicação Social: Publicidade e Propaganda pela mesma instituição. Membro do grupo de pesquisa Mídia e Narrativa (PUC Minas). E-mail: gabrielabarbosapacheco@gmail.com.

Resumo

Este artigo discute a leitura como um lugar de mediação e o gênero como um tipo de mediador no âmbito do clube de leitura presencial Leia Mulheres, que ancorado na internet encontra propulsão para discussão. Nesse contexto, tal debate se torna cada vez mais necessário nas atuais movimentações pela desinvisibilização de determinados grupos sociais, formando um diálogo entre a circulação de significados propiciada pela leitura e a presença da mulher no cenário literário.

Palavras-chave

Mediação, leitura, gênero, Leia Mulheres.

Abstract

This article discusses reading as a place of mediation and gender as a type of mediator within the Leia Mulheres face-to-face reading club, which is anchored on the internet. In this context, such a debate becomes increasingly necessary in the current movements for the invisibility of certain social groups, forming a dialogue between the circulation of meanings provided by reading and the presence of women in the literary scenario.

Keywords

Mediation, reading, gender, Leia Mulheres.

Este artigo discute a leitura como um espaço onde a mediação – circulação de significados – atua e o gênero funciona como mediador da ação no clube de leitura Leia Mulheres, criado em 2015 por três amigas paulistanas e presente em mais de quarenta cidades do Brasil, incluindo Belo Horizonte. “Gênero” é tratado aqui como uma categoria analítica que visa um certo terreno de definição, conforme apontado por Joan Scott (1990), buscando enunciar as desigualdades sofridas pelas mulheres em uma sociedade patriarcal em comparação às conquistas masculinas. Neste trabalho, as questões de gênero emergem especificamente no âmbito literário.

O projeto Leia Mulheres se encontra em um contexto no qual questionamentos acerca da invisibilização da mulher escritora emergem cada vez mais e tomam uma proporção maior com a ajuda da internet e das mídias sociais. Joanna Walsh (2014a, 2014b) iniciou um movimento chamado “#readwomen2014”, que reverberou para além do seu artigo no *The Guardian*, dando início e forma ao projeto no Brasil. A rede aparece como uma aliada de minorias insatisfeitas com a sua representação no cânone literário, e buscam alternativas para reverter este quadro.

Propõe-se, portanto, a partir do estudo do Leia Mulheres em Belo Horizonte, discutir a leitura como uma forma de mediação – como proposto por Jesús Martín-Barbero (2003) e Roger Silverstone (2002) – e o gênero como um tipo de mediador da leitura, conforme enunciado pelo teórico Guillermo Orozco Gómez (apud JACKS; SCHMITZ, 2018). Para tal, serão utilizados aportes teóricos relacionados à leitura em Roland Barthes (1987), Alberto Manguel (2004), Roger Chartier (2011) e Virginia Woolf (2007); e relacionados ao gênero em Simone de Beauvoir (2016), Elaine Showalter (1994), Cecil Zinani (2011), Lucia Castello Branco e Ruth Silviano Brandão (2004) e Joan Scott (1990).

O clube de leitura Leia Mulheres

Em 2014, o jornal britânico *The Guardian* publicou um texto intitulado “Will #readwomen2014 change our sexist reading habits?” (“O #leiamulheres2014

vai mudar nossos hábitos sexistas de leitura?”). Joanna Walsh (2014a), escritora responsável pela matéria, menciona que, por mais que mulheres leiam mais livros que homens e que autoras estejam publicando tantos livros quanto autores, a sua presença no cânone literário ainda é marginalizada. Para Walsh, os livros escritos por mulheres são mais negligenciados por jornais e revistas do que os escritos por homens. Muitos deles, inclusive, ganham uma roupagem mais “feminina” na arte da capa (a qual ela denomina “capas floridas”), por mais que o enredo do livro não combine com estereótipos normalmente relacionados à figura da mulher. Para exemplificar, a escritora menciona o caso de Lionel Shriver (2010) e seu livro *Game control*, publicado em 1994, que rendeu um artigo também publicado pelo *The Guardian*, em 2010, por Shriver: “I write a nasty book. And they want a girly cover on it” (“Eu escrevo um livro sórdido. E eles querem colocar uma capa feminina nele”).

Walsh, em seu texto, procura trazer à luz questões acerca da desigualdade no âmbito literário. Para isso, faz uma provocação aos leitores do jornal, encabeçando a campanha nomeada “#readwomen2014” como forma de estimular e incentivar a leitura de escritoras mulheres no ano em questão. Ao fim do período, Walsh (2014b) fez uma retrospectiva do projeto, comentando sua motivação ao elaborá-lo, a experiência de ler mais escritoras mulheres, as movimentações de outros leitores em resposta à sua campanha e as perspectivas para o futuro.

A discussão proposta por Joanna Walsh ganhou proporções mundiais e não se limitou ao ano de 2014. O clube de leitura Leia Mulheres, criado no Brasil em 2015 por Juliana Gomes, Juliana Leuenroth e Michelle Henrique, surgiu com o objetivo de “lermos mais mulheres, pois percebemos que nossas listas de melhores leituras incluíam majoritariamente homens. Queríamos mudar isso, queríamos conhecer escritoras novas, redescobrir as clássicas, conhecer culturas diferentes e assim o temos feito.” (DOIS..., 2017). O Leia Mulheres consiste em encontros presenciais mensais para discutir obras da literatura escritas apenas por mulheres – desde ficção até reportagens, desde romances clássicos até obras contemporâneas.

A primeira edição do clube em São Paulo discutiu *A redoma de vidro*, livro de 1963 da escritora estadunidense Sylvia Plath, que aborda questões como depressão e suicídio. Segundo as organizadoras do evento, “o encontro foi um sucesso. Muitas pessoas participaram, houve muito debate e muitos se sentiram à vontade para compartilhar opiniões sobre o livro e até mesmo sobre suas vidas, traçando paralelos com a obra” (DOIS..., 2017). Contudo, o clube de leitura Leia Mulheres não se ateve apenas à São Paulo. Os primeiros fora da cidade foram criados em Curitiba e no Rio de Janeiro. Três anos depois, o Leia Mulheres já está presente em mais de quarenta cidades do Brasil.

A cidade de Belo Horizonte sediou seu primeiro encontro do clube de leitura em setembro de 2015, discutindo o romance *Orlando*, publicado em 1928 por Virginia Woolf, que apresenta questões de gênero e de sexualidade. Desde então, mensalmente, leitoras se encontram no Sesc Palladium para discutir a obra selecionada para o período. O clube de leitura acontece num andar exclusivo e as cadeiras são dispostas em forma de círculo. A quantidade de participantes varia de acordo com a popularidade da obra – livros mais conhecidos ou recém-lançados costumam levar por volta de quarenta pessoas, já livros menos populares movimentam cerca de quinze pessoas. As sessões são abertas não apenas para mulheres, mas para homens também. No entanto, a maior parte das interessadas ainda é do sexo feminino.

As mediadoras Mari Castro e Olivia Gutierrez mantêm um grupo no Facebook, uma conta no Instagram e uma *newsletter* para compartilhar novidades sobre o clube, dicas de encontros e eventos afins ao Leia Mulheres e ideias sobre literatura com viés de gênero.

A leitura (e seus desdobramentos) como espaço de mediação

A leitura é pouco natural: trata-se de um fenômeno cultural que precisa ser ensinado para poder ser acessado. Apreendida, essa habilidade dá passe livre com direito infinito ao livro (HÉBRARD, 2011). Ao entrar em contato com esse fazer artístico, “cada leitor, a partir de suas referências, individuais ou sociais, históricas

ou existenciais, dá um sentido mais ou menos singular, mais ou menos partilhado, aos textos de que se apropria” (CHARTIER, 2011, p. 20). Apropriação, logo, seria levar os significados para casa e domesticá-los, de acordo com Silverstone (2002). Portanto, “o trabalho da leitura é, em grande parte, um processo de produção de sentido, no qual o texto participa mais como um conjunto de obrigações (que o leitor toma mais ou menos em consideração) do que como estrita mensagem” (HÉBRARD, 2011, p. 38).

Certeau (1994) compara a apropriação que o leitor faz do texto do outro com um apartamento alugado. Ele transforma a propriedade do outro, em um lugar tomado de empréstimo, por alguns instantes. Os locatários mobíliam o apartamento e efetuam mudanças pertinentes para o seu período de morada. Na leitura, os leitores digerem a história, destacam as partes mais importantes, levantam questões sobre assuntos que os tocam, interpretam de acordo com sua bagagem individual e criam significados. O leitor se lembra de uma paisagem da sua infância, de um jantar especial em família, de uma situação há muito tempo esquecida. A leitura também é capaz de fazer a imaginação funcionar, tirar o leitor de um lugar confortável e fazê-lo questionar as suas próprias crenças. “Faz das palavras as soluções de histórias mudas. O legível se transforma em memorável. [...] Um mundo diferente (o do leitor) se introduz no lugar do autor” (CERTEAU, 1994, p. 49). Assim, a leitura não é um ato passivo. É preciso, antes de mais nada,

dar à leitura o estatuto de uma prática criadora, inventiva, produtora, e não anulá-la no texto lido, como se o sentido desejado por seu autor devesse inscrever-se com toda a imediatez e transparência, sem resistência nem desvio, no espírito de seus leitores. Em seguida, pensar que os atos de leitura que dão aos textos significações plurais e móveis situam-se no encontro de maneiras de ler, coletivas ou individuais, herdadas ou inovadoras, íntimas ou públicas, e de protocolos de leitura depositados no objeto lido [...]. (CHARTIER, 2011, p. 78)

A leitura é parte integrante de um “mundo da mediação”, uma expressão cunhada por Silverstone em seu livro *Por que estudar a mídia?* Segundo o autor, a mediação

implica o movimento de significado de um texto para outro, de um discurso para outro, de um evento para outro. Implica a constante transformação de significados, em grande e pequena escala, importante e desimportante, à medida que textos da mídia e textos sobre a mídia circulam em forma escrita, oral e audiovisual, e à medida que nós, individual e coletivamente, direta e indiretamente, colaboramos para a sua produção. (SILVERSTONE, 2002, p. 33)

A mediação é circulação de significados, através da qual intertextualidades infundáveis tentam compreender o mundo. Entretanto, a mediação não se esgota no ponto de consumo. Ela reverbera além do texto e torna-se fluida em conversas e pensamentos, demonstrando a sua capacidade infinita de significações. A relação livro-leitor toma caminhos imprevisíveis que dependem de fatores internos e externos aos indivíduos: não só do seu conhecimento, das suas intenções e dos seus gostos pessoais, como também na relação com outros indivíduos e com o contexto onde está inserido.

Em *O rumor da língua*, Roland Barthes (1987, p. 27) cita o ato de “ler levantando a cabeça”. Segundo o autor, o ato de interromper a leitura não é por causa do desinteresse, pelo contrário, se trata de um afluxo de ideias, de excitações e de associações que vêm à mente ao nos depararmos com um texto que suscite tais ações. O que ele denomina de “texto-leitura”, ou seja, associações desencadeadas pela leitura, faz parte do “mundo da mediação”, assim como a conversação que continua e reverbera entre as participantes do grupo de leitura.

Ainda citando Silverstone, dessa vez por meio da análise de Serelle (2016, p. 76), é possível considerar a mediação também como tecnológica, pois ela “depende cada vez mais da presença dos meios de comunicação no cotidiano”. A tecnologia da comunicação, materializada nos livros, entretanto, divide um lugar importante com a dimensão social, afinal, a mediação também reverbera nas conversas e no cotidiano das participantes. Há questões sociais e éticas presentes na ação de ler mulheres – porque não se trata apenas de lê-las, mas de fazer esse pensamento circular e ser discutido. O próprio grupo pluraliza o livro para além da sua leitura quando ela é confrontada e debatida.

O escritor argentino Alberto Manguel, em seu livro *Uma história da leitura*, comenta sobre momentos que passava lendo em voz alta obras literárias para Jorge Luis Borges: “ler em voz alta para ele textos que eu já lera antes modificava aquelas leituras solitárias anteriores, alargava e inundava minha lembrança dos textos, fazia-me perceber o que não percebera então mas que agora parecia recordar, sob o impulso da reação dele” (MANGUEL, 2004). O próprio fato de seguir um livro indicado pelo clube e ajustar a leitura para posteriormente comentar com outras pessoas já adapta o modo de encarar determinada obra. São sublinhados trechos que não ficaram tão claros, delimitados assuntos que suscitam discussões posteriores e destacadas partes que merecem ser lidas em voz alta. Ainda assim, a dinâmica do clube de leitura pode alterar as impressões previamente construídas e desviar a conversa para lados imprevisíveis.

Para Woolf (2007, p. 30), o leitor comum se diferencia de um crítico ou um professor, porque ele lê para o próprio prazer. Prazer esse que “não tem sabor algum a não ser que o compartilhemos”. A socialidade (ou sociabilidade) é um dos lugares de mediação propostos por Martín-Barbero em *Dos meios às mediações*. Ela diz respeito a transformações que remetem a movimentos de reencontro com o comunitário, “mais relacionados a mudanças profundas na sensibilidade e na subjetividade” (MARTÍN-BARBERO, 2003, p. 18).

Essa instância se refere às interações sociais e é gerada na trama das relações cotidianas que tecem os seres humanos ao juntarem-se, resultando dos modos e usos coletivos de comunicação, isto é, “interpelação/constituição dos atores sociais e de suas relações (hegemonia/contra hegemonia) com o poder” (MARTÍN-BARBERO, 2003, p. 17). Para o autor, as transformações operadas na socialidade remetem a movimentos, a reencontros com o comunitário, indo na direção oposta das instituições tradicionais que cerceiam o acesso público. Percebe-se, então, uma reconfiguração de institucionalidades, criando ambientes a partir de dinâmicas que deslocam a cidadania para o âmbito cultural.

Mesmo com um meio que não valoriza propriamente o trabalho de escritoras, o movimento Leia Mulheres procura incitar uma maior leitura, consequentemente

um maior consumo de livros escritos por mulheres. Com o grupo espalhado em mais de quarenta cidades do país, cria-se uma demanda por mais visibilidade que, em algum momento, chega aos ouvidos das editoras e de toda a indústria. Da mesma maneira, o clube de leitura, impulsionado pelo questionamento de Joanna Walsh, surge de forma espontânea para pesquisar mais sobre a escrita feminina na história, colocar essas escritoras em evidência e compartilhar as experiências individuais durante da leitura. Em suma, ocupar um espaço que sempre foi negligenciado, utilizando o ambiente virtual para organização do movimento.

E esse “ocupar” se refere igualmente ao espaço físico. A construção de uma comunidade no espaço simbólico que é a internet não se limita aí; ela toma as ruas, organiza encontros entre seus articuladores e permite uma comunicação autônoma própria das sociedades contemporâneas. O corpo, o “estar presente” na era da tecnologia, é também uma forma de resistência das movimentações sociais. Levando em consideração os conceitos levantados por Martín-Barbero e Silverstone, é possível dizer que não só a leitura é um espaço de mediação, mas também os próprios encontros facilitados pelo Leia Mulheres. A troca de vivências, o espaço de conversa e o embate de ideias são partes intrínsecas do clube de leitura; o diálogo entre as participantes constituem fundamentalmente a experiência.

Todos nós somos mediadores, e os significados que criamos são, eles próprios, nômades. Além de poderosos. [...] A mídia é entretenimento. [...] ela também oferece recursos para conversa, reconhecimento, identificação e incorporação à medida que avaliamos, ou não avaliamos, nossas imagens e nossas vidas em comparação ao que vemos na tela. (SILVERSTONE, 2002, p. 43)

Como resultado, mulheres comuns se veem representadas em histórias de outras mulheres que não necessariamente compartilham da mesma geração, cultura ou localização geográfica. Afinal, por mais diferenças que existam, é possível encontrar algum ponto em comum referente à experiência de gênero em sociedades patriarcais espalhadas no mundo ao longo da história. São narrativas que se entrelaçam, criando um elemento fora-do-texto (CHARTIER, 2011)

ou “um terceiro texto, fabricado entre-textos, no limiar do corpo literário e do texto interno do leitor” (BRANCO; BRANDÃO, 2004, p. 18); e somente pela própria palavra essa mulher se reconhece, instaurando suas próprias verdades.

Verdades essas que estão bem distantes da representação distorcida da “musa inspiradora” perpetuada pelo cânone literário, majoritariamente masculino e embranquecido; verdades essas que também podem ser lidas como uma somatória das mediações contidas para além da leitura da obra, incluindo aí o contato e a relação entre membros semelhantes na comunidade construída pelo Leia Mulheres.

O gênero como mediador da leitura

De acordo com Liráucio Girardi Júnior (2018), o teórico mexicano Guillermo Orozco Gómez propõe um modelo de múltiplas mediações, categorizando os seus tipos para facilitar a sua identificação e seu estudo. Este modelo está dividido em cinco instâncias: referenciais, cognitivas, situacionais, institucionais e videotecnológicas. O gênero se encontra na primeira categoria, *referencial*, que, além deste, diz respeito também a questões de valores e história familiar, nível educacional, repertórios culturais, relações de classe, idade e etnia. Se a leitura é um espaço de mediação, como proposto por Martín-Barbero e Silverstone anteriormente, pode-se, então, considerar que o gênero participa como um mediador da leitura no âmbito do Leia Mulheres.

O termo “gênero”, para a teórica feminista Joan Scott (1990, p. 85), “faz parte da tentativa empreendida pelas feministas contemporâneas para reivindicar um certo terreno de definição, para sublinhar a incapacidade das teorias existentes para explicar as persistentes desigualdades entre as mulheres e os homens”. Dessa forma, feministas encontraram uma voz teórica própria e começaram a encarar o gênero como uma categoria analítica, servindo como um método de análise para compreender um conjunto de relações e atributos. Para além, é possível criar um paralelo com Orozco Gómez, considerando que Scott afirma também a desigualdade de gênero como primária, concreta, e sentida já no âmbito das relações familiares. No contexto atual, questionamentos acerca deste

assunto estão cada vez mais presentes entre as mulheres, que começam movimentos e projetos na intenção de buscar uma compensação por séculos de invisibilização.

No site oficial do projeto, as idealizadoras do Leia Mulheres contam que gostariam de “conhecer escritoras novas, redescobrir as clássicas, conhecer culturas diferentes” (DOIS..., 2017), além de “mapear também a participação de mulheres em eventos literários, quantas escritoras são convidadas a palestrarem, quantas mediadoras estão presentes nesses eventos, quantas mulheres ganham prêmio e quantas são as mulheres que escrevem crítica.” Para elas, “o papel da mulher na literatura não está apenas no escrever a literatura”, mas no levantamento das questões que englobam a inserção da mulher no âmbito literário. Portanto, não apenas criar um clube de leitura, mas atentar para a (não) presença feminina em lugares antes delimitados para homens.

Basta uma pesquisa rápida sobre vencedores do prêmio Nobel de literatura: em 116 anos, apenas treze mulheres foram laureadas. Em 28 anos do prêmio Camões, concedido por Brasil e por Portugal a escritores lusófonos, 6 mulheres foram homenageadas. Dos 101 nomes que compõem a antologia *Por que ler os contemporâneos?*, há apenas treze mulheres indicadas. Já no best-seller *1001 livros para ler antes de morrer*, menos de 20% das obras foram escritas por mulheres. Ambas publicações, editadas respectivamente pela editora Dublinense e pela editora Arqueiro, são manuais de leitura dinâmica, facilmente compartilháveis, selecionando em sua maioria autores que caem no senso comum do que é dado como importante para a literatura mundial. Por mais que mulheres escritoras tenham marcado mais presença na publicação de livros, a sua produção ainda é marginalizada. Em seu artigo “A crítica feminista no território selvagem”, a crítica literária estadunidense Elaine Showalter (1994) cita a historiadora austríaca Gerda Lerner:

As mulheres têm sido deixadas de fora da história não por causa das conspirações maldosas dos homens em geral ou dos historiadores homens em particular, mas porque temos considerado a história somente em termos centrados no homem. [...] Para retificar isso, e para iluminar áreas de escuridão histórica, devemos, por algum tempo, focalizarmo-nos numa indagação centrada na mulher [...]. (LERNER apud SHOWALTER, 1994, p. 45)

No âmbito da literatura, a noção da mulher como o “outro” é recorrente, afinal, a imagem de “musa inspiradora” permeou escritores durante a história. Para Simone de Beauvoir (2016, p. 12), “a humanidade é masculina, e o homem define a mulher não em si, mas relativamente a ele; ela não é considerada um ser autônomo. [...] O homem é o Sujeito, o Absoluto; ela é o Outro.” Determinar o lugar da mulher como o de “musa inspiradora” tem o poder de calar a voz feminina, objetificando a sua figura e colocando-a numa condição de estrangeira do seu próprio desejo e vontade.

O deslocamento da voz da mulher transforma o seu retrato em uma miragem, distorcendo e eclipsando suas histórias, suas realidades e suas vontades próprias. Para Lucia Castello Branco e Ruth Silviano Brandão (2004), esse deslocamento cria uma imagem idealizada, muito próxima à perfeição, frequentemente relacionada com uma beleza física ou com uma habilidade dita instintiva para o lar, o marido e os filhos. Assim, ela se torna responsável pela realização de todos os desejos masculinos, tomando forma em ficções escritas por homens. A figura da mulher como musa a impede de se tornar, aos olhos de uma sociedade patriarcal, um ser dotado de criatividade, conhecimento e habilidade. Levando-a, consequentemente, a um descrédito de suas criações e de suas opiniões.

A situação se agrava quando ouvem-se as vozes de mulheres militantes do feminismo negro. Se é perceptível a invisibilização e o silenciamento das obras de mulheres brancas no cânone, a presença de escritoras negras é ignorada. E grande parte do problema perpassa inclusive as obras escritas por mulheres aqui citadas. As críticas de pensadoras brancas sobre a submissão da mulher, muitas vezes, são vistas à curta distância, enunciando situações que dizem respeito a si mesmas. Assim, universalizam a categoria de mulher sem levar em consideração outras intersecções como raça ou classe social, como explicita Djamila Ribeiro (2017, p. 21) em *O que é lugar de fala?* Portanto, as “musas inspiradoras” têm cor, e ela é branca. Às mulheres negras, até esse título lhes foi negado.

Showalter (1994, p. 23) menciona a tradição literária como um “território selvagem” de domínio exclusivamente masculino. Tentando mapear esse território, a teórica aponta duas formas férteis da crítica feminista: a primeira leva em

consideração “as imagens e estereótipos da mulher na literatura”; a segunda coloca o foco na mulher como escritora. Ambas modalidades da crítica podem suscitar um ato de emancipação “no momento em que a linguagem for utilizada como ferramenta libertadora e não mais como instrumento de opressão” (ZINANI, 2011, p. 4).

Ainda segundo Cecil Jeanine Zinani, “isso ocorre quando a mulher se apropria da linguagem e passa a nomear o mundo a partir do seu ponto de vista”. Não se trata de buscar uma crítica biográfica, mas marcar o local da enunciação. Branco e Brandão (2004, p. 46) afirmam que “partindo do princípio de que a linguagem tem o poder de instaurar uma ordem hierárquica, aquele que fala ocupa um lugar privilegiado nessa hierarquia”. Colocar a mulher – se preocupando também com os recortes interseccionais do gênero – como protagonista de sua própria história, dar visibilidade ao seu trabalho, é uma maneira de fazer justiça social e institui um espaço de poder. De poder de dizer e de se dizer.

Nos encontros do Leia Mulheres, questões de gênero se materializam em assuntos ligados às desigualdades entre homens e mulheres, no âmbito da comparação, refletindo sobre situações ocupadas pelo conceito de feminino na sociedade. Entre elas, a maternidade, o trabalho, as relações interpessoais, as políticas públicas, as condições de vida etc. Mas não somente. O movimento se propõe a ser um projeto que também estimula a reflexão a partir do lugar de fala de cada uma das participantes – levando em consideração intersecções como classe social e raça – para enxergar o mundo, a política, a história, a ciência, a literatura, o cinema e demais assuntos que não surjam propriamente a partir da discussão sobre gênero.

Portanto, ler mulheres não é somente ler. Tal ato representa desinvisibilização do trabalho de escritoras preteridas pelo cânone literário. Representa a tomada de voz por essas mulheres escritoras e por essas mulheres leitoras que conseguem trazer à luz discursos minoritários e criar vários paralelos entre os livros que leem e suas próprias vidas, fazendo com que o gênero seja um elo nas mediações propiciadas pela leitura e pela instância de sociabilidade. José Luiz Braga (2012), ao comentar sobre a perspectiva epistemológica da mediação, afirma que “o ser humano vê o mundo pelas lentes de sua inserção histórico-cultural, por seu ‘momento’”.

Mesmo que haja um deslocamento temporal, geográfico e cultural na relação autora-leitora, há similaridades nas narrativas e nos discursos, fazendo com que as mulheres se encontrem consigo em alguns momentos nessa leitura e sejam capazes de refletir sobre gênero no contexto social.

Considerações finais

A literatura, por muito tempo, permaneceu um território selvagem para as escritoras. A produção literária feminina encontrou diversos obstáculos ao longo da história, que vão desde as obrigações sociais impostas às mulheres até o descrédito de suas criações e pensamentos. O lugar de “musa inspiradora”, além de reservado apenas às mulheres brancas, também torna-se um fardo e implica uma visão equivocada da realidade feminina. A partir do momento que se torna a narradora da própria história, essa mulher consegue dar vazão à sua criatividade e expor seu ponto de vista – um cenário que é recorrente em muitas outras. Como Chartier (2011) analisou, o leitor não é um indivíduo passivo. Ele faz apropriações constantes do texto que lê para sua vida cotidiana e sua história. Dessa forma, a mulher comum se encontra nas narrativas de outras mulheres, traçando paralelos e reflexões sobre o próprio gênero. Ela é capaz de se tornar mais consciente da própria realidade.

Atuais movimentos sociais, suscitados por uma insatisfação com instituições de poder, buscam reaver essas obras como uma forma de dar mais visibilidade às escritoras e expor à luz questões importantes para setores não-hegemônicos da sociedade. Eles encontram, assim, nas mídias sociais grandes aliadas na propagação e difusão de suas ideias. Uma vez organizados na internet, esses movimentos tomam o espaço público e se fazem presentes como uma forma de ocupá-lo, de demonstrar resistência contra o poder predominante – no caso em questão, a estrutura de sociedade patriarcal que permeia, inclusive, o âmbito da literatura. O encontro face a face recorrente e as conversas propostas pelas mediadoras e participantes do Leia Mulheres transforma o grupo em uma comunidade, possibilitando um reconhecimento de afinidades, de diálogos semelhantes e de reflexões sobre a própria história.

Faz-se necessário, cada vez mais, perceber (e ler) diferentes pontos de vista — as histórias normalmente exaltadas no meio literário masculino embranquecido já não são suficientes para representar toda uma população. O projeto é um representante desse lugar onde as mediações ocorrem, colocando em articulação assuntos que são tidos como importantes para a discussão sobre gênero e as experiências, inclusive pessoais, das leitoras. A leitura, esse espaço de mediação, portanto, fomenta trocas simbólicas e circulação de significados presentes no contexto, resultando em uma popularização de escritoras até então desconhecidas, em uma tomada de voz por grupos historicamente subjugados da sociedade e em um aumento da consciência de gênero por parte de leitoras e leitores.

Referências

BARTHES, R. *O rumor da língua*. Lisboa: Edições 70, 1987.

BEAUVOIR, S. *O segundo sexo: fatos e mitos*. São Paulo: Nova Fronteira, 2016.

BRAGA, J. L. Circuitos versus campos sociais. In: MATTOS, M. A.; JANOTTI JUNIOR, J.; JACKS, N. (org.). *Mediação & midiatização*. Salvador: EDUFBA; Brasília, DF: Compós, 2012.

BRANCO, L. C.; BRANDÃO, R. S. *A mulher escrita*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2004.

CERTEAU, M. *A invenção do cotidiano*. Petrópolis: Vozes, 1994.

CHARTIER, R. (org.). *Práticas da leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 2011.

DOIS anos de Leia Mulheres: o que mudou? *Leia Mulheres*, [S. l.], 8 mar. 2017. Disponível em: <http://bit.ly/2IWTvvl>. Acesso em: 7 dez. 2018.

GIRARD JÚNIOR, L. De mediações em mediações: a questão da tecnicidade em Martín-Barbero. *Revista MATRIZES*, São Paulo, v. 12, n. 1, p. 155-172, 2018.

HÉBRARD, J. O autodidatismo exemplar. Como Valentin Jamerey-Duval aprendeu a ler? In: CHARTIER, R. (org.). *Práticas da leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 2011. p. 35-74.

JACKS, N.; SCHMITZ, D. Os meios em Martín-Barbero: antes e depois das mediações. *Revista MATRIZES*, São Paulo, v. 12, n. 1, p. 115-130, 2018.

MANGUEL, A. *Uma história da leitura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. *E-Book*.

MARTÍN-BARBERO, J. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2003.

RIBEIRO, D. *O que é lugar de fala?* Belo Horizonte: Letramento, 2017.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil para análise histórica. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 16, n. 2, p. 71-99, 1990.

SERELLE, M. A ética da mediação: aspectos da crítica da mídia em Roger Silverstone. *Revista MATRIZES*, São Paulo, v. 10, n. 2, p. 75-90, 2016.

SHOWALTER, E. A crítica feminista no território selvagem. In: HOLLANDA, H. B. (org.). *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 23-57.

SHRIVER, L. I write a nasty book. And they want a girly cover on it. *The Guardian*, Londres, 2 set. 2010. Disponível em: <http://bit.ly/2IWTyHx>. Acesso em: 7 dez. 2018.

SILVERSTONE, R. *Por que estudar a mídia?* São Paulo: Loyola, 2002.

WALSH, J. Will #readwomen2014 change our sexist reading habits? *The Guardian*, Londres, 20 jan. 2014a. Disponível em: <http://bit.ly/2BINC6I>. Acesso em: 7 dez. 2018.

WALSH, J. #Readwomen2014: the next chapter. *The Guardian*, Londres, 8 dez. 2014b. Disponível em: <http://bit.ly/31jrILX>. Acesso em: 7 dez. 2018.

WOOLF, V. *O leitor comum*. Rio de Janeiro: Graphia, 2007.

ZINANI, C. J. A. Crítica feminista: lendo como mulher. *Revista FronteiraZ*, São Paulo, n. 7, p. 1-11, 2011.

submetido em: 15 ago. 2019 | aprovado em: 6 set. 2019